

2. O percurso metodológico

Este estudo se inscreve na fronteira entre Sociologia e História. A análise sociológica aliada aos problemas da história me parece promissora para ambos os campos. Recuperar a dimensão da mudança e do dinamismo das sociedades dentro das sínteses sociológicas contribuiria para uma compreensão mais rigorosa dos processos sociais. Da mesma forma, incorporar as argumentações teóricas e as reflexões metodológicas da sociologia pode resultar num refinamento das interpretações históricas. Bertaux (1985) afirma que a descoberta sociológica se inscreve dentro de uma realidade histórica determinada, articulada a uma interpretação convincente e com utilização de palavras e conceitos adequados aos fenômenos, processos e configurações sociais. Este autor chama a atenção para uma série de processos indeterminados que incidem sobre a construção do objeto das ciências sociais:

“L’issue de la guerre du Viet-Nam était-elle prévisible? Celle du Salvador l’est-elle? Et que dire de l’holocauste thermonucléaire, qui fait désormais partie des avènements possibles de l’humanité? Face à une telle question, la position scientifique n’est pas tenable. S’il faut une métaphore pour rendre compte de la nature de l’histoire humaine, ce n’est pas celle de l’astronomie où tout est prévisible à l’avance, mais celle des tourbillons que se forment dans le cours d’un fleuve ou mieux encore, celle du mouvement des plaques tectoniques frottant l’une contre l’autre: espaces structurés mais dont l’action réciproque engendre l’imprévisible le long des lignes de friction.” (Bertaux, 1985, p.275)

Bertaux (1985) enfatiza a centralidade da discussão sobre metodologia para superar a dicotomização entre discursos especulativos e dados estatísticos. Através das articulações entre reflexão e observação, observação e reflexão e reflexão e escrita, Bertaux delineia alguns apontamentos centrais para pensar a metodologia das ciências sociais: a) a necessidade de trabalhar-se a historicidade das sociedades humanas, recuperando noções de indeterminação e imprevisibilidade; b) a importância do enraizamento empírico das reflexões sociológicas que

inscreveria a pesquisa como uma prática social (fecunda de idéias); c) formulação de problemas relacionados ao processo comunicativo para favorecer a socialização e confronto de experiências e interpretações e d) a urgência de imaginação teórica e metodológica. O autor chega a falar de um “fetichismo do rigor” ao criticar a burocratização da ciência e a projeção de pressupostos das ciências exatas sobre as ciências sociais. (Bertaux, 1985)

Pode-se dizer, a partir destas considerações, que a discussão sobre metodologia de pesquisa é central, tanto para a construção do problema como para o encaminhamento da pesquisa, devendo ser reelaborada e questionada durante todo o processo de construção da investigação. Este movimento de reelaboração não exclui um intenso preparo anterior à prática de pesquisa em si, isto é, apesar de haver pressupostos e estudos metodológicos na elaboração de uma proposta de pesquisa, estes apontamentos iniciais são passíveis de reconstrução durante o encaminhamento da investigação, em função das necessidades do objeto, das indeterminações do percurso e das determinações do contexto histórico.

Para trabalhar o tema da socialização profissional, utilizei fundamentalmente entrevistas com professores das duas gerações mencionadas (década de 70 e virada do ano 2000). Já sabendo da importância da experiência pessoal de cada professor para a realização do seu trabalho e buscando a oportunidade de fazê-los se exprimir sobre esse trabalho, suas condições e contextos, a pesquisa pretende uma aproximação da vida profissional de professores do ensino fundamental (2º segmento), em instituições da rede pública de ensino.

O estudo sobre a profissão docente na história recente do Brasil se realizará através da articulação das falas dos professores ao contexto histórico mais amplo, com a intenção de situar historicamente os depoimentos e pontos de vista desses professores.

A pesquisa se baseia numa perspectiva qualitativa, menos preocupada com a possibilidade de generalização, mais centrada no significado da experiência de cada professor entrevistado. Em outras

palavras, o estudo não garante sua validade na representatividade estatística, sua força reside na possível generalização dos resultados pelo leitor, a partir de suas experiências pessoais, observando elementos comuns a outras situações, no esforço comparativo entre os dados produzidos na pesquisa e sua gama de conhecimentos e experiências. Lüdke e André colocam a seguinte pergunta: "*Em lugar da pergunta: este caso é representativo do quê?, o leitor vai indagar: o que eu posso (ou não) aplicar deste caso na minha situação?*" (Lüdke e André, 1986)

Os depoimentos obtidos foram analisados como possibilidades de cruzamento entre a experiência subjetiva individual e a vida social, explicitando não a realidade, mas um fragmento particular da realidade social: um objeto social. Recorremos ao que Bertaux chama de "narrativas de vida", ou "narrativas de práticas em situação", buscando visualizar relações sociais estruturais através dos relatos das práticas dos atores sociais. Nesse sentido, buscam-se narrativas de práticas dos informantes do fragmento da realidade sócio-histórica pesquisada. (Bertaux, 2003)

2.1. A construção do objeto de estudo

Ao buscar uma compreensão das características relativas à socialização profissional do professor de História, em relação aos períodos selecionados, uma série de problemas, escolhas e dificuldades surgiram, algumas no momento de recortar o objeto, e muitas outras no correr do processo de pesquisa. À época da delimitação do objeto, quando refinávamos os objetivos e a abrangência da pesquisa, observamos, em função do tempo disponível e da viabilidade do projeto, ser necessário lapidar muito cuidadosamente o objeto de pesquisa. Inicialmente, havia a intenção de estudar situações da profissão docente, em particular a socialização profissional, sem ligação muito estreita com a especialização disciplinar do professor. A idéia se resumia em tentar perceber que processos eram vividos por professores do ensino fundamental do 2º segmento, desde sua formação, passando pelos

primeiros anos de trabalho, até o momento de se sentirem mais seguros na profissão, em épocas diferentes e recentes da história do Brasil. A preocupação essencial era encontrar permanências e rupturas dentro da situação do trabalho docente, em estreita relação com o contexto social mais amplo. Mas como selecionar períodos adequados à problemática? Que critérios construir? Surge aí o primeiro momento de escolhas decisivas para a pesquisa. Outras perguntas ajudaram a esclarecer as primeiras: como viabilizar a idéia? Se a proposta é estudar dois grupos de professores de épocas diferentes para tentar uma comparação, deve-se pensar: como se distinguem as gerações?

A primeira dificuldade foi a de lidar com a noção de geração. Sirinelli (1998), ao tentar responder se as gerações são peças da “engrenagem do tempo”, expôs uma série de obstáculos e restrições. Muitos historiadores apontaram sérios riscos de se trabalhar com a noção de geração, os riscos de seguir propósitos muito banais ou propósitos muito generalizantes. A banalidade vem do fato de que a geração é a própria essência da sucessão das sociedades humanas, podendo, até mesmo, parecer produto da natureza. O uso da noção pode evocar generalidade infecunda por essa mesma razão, pois há o risco de ficarmos apenas na superfície das coisas, configurando-se mais como fator de descrição do que de explicação. Nem por essas questões, Sirinelli aceita o abandono do fator geração para o trabalho de pesquisa. Em defesa do seu uso, o autor observa que a geração tem um padrão elástico:

“(…) a história ritmada pelas gerações é uma ‘história em sanfona’, dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos inauguradores. E a relativização do papel de padrão se impõe tanto mais que a geração, como já assinalamos, também é de geometria variável, segundo os setores estudados – econômico, social, político ou cultural.” (Sirinelli, 1998, pp.134-135)

Portanto, ficam também as gerações sujeitas à ação do tempo social, suas durações e “engrenagens” devem ser concebidas por padrões elásticos, segundo enfoques que se priorizam nas pesquisas. Sirinelli diz que geração-padrão não existe: “em nenhum caso podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países”. (1998, p.137) No entanto, a geração é *uma*

estrutura que a análise deve levar em consideração, variável conforme setores e períodos abordados.

Voltando à problemática inicial da pesquisa, não foi abandonada a idéia de se trabalhar com duas gerações de professores, embora fosse necessário restringir o campo de análise e construir uma amostra significativa para responder às questões propostas, além de atentar para a elasticidade da noção. Em função da viabilidade da pesquisa, a opção foi a de trabalhar com professores de História, pela razão de que os depoimentos desses professores poderiam ser mais reveladores do contexto em que se desenrola a profissão e, também, pelo fato de que eu, também uma professora de história, teria acesso com mais facilidade aos depoentes dessa área e ao significado específico desse contexto.

Como encontrar os informantes da pesquisa era uma questão constante naquele momento. Se recuasse muito no tempo, correria o risco de não conseguir compor a amostra. Havia a idéia de apurar se e como ocorre certa desvalorização e/ou desqualificação do trabalho do professor. Assim, uma das gerações a ser estudada seria a atual geração de professores de história, já que não se poderia colocar categoricamente essa questão sem o esforço de pesquisa nesse sentido. Essa escolha influenciou a decisão pelo estudo da geração de professores de história da década de 70, na medida em que foi possível identificar diversos aspectos da sociedade brasileira e da situação do trabalho docente efetivamente diferentes em relação à atualidade, bastando citar questões relativas à democracia e aos salários dos professores. Além disso, a viabilidade da pesquisa estaria melhor garantida, na medida em que muitos dos professores dessa geração ainda se encontram lecionando, portanto seria menos arriscado trabalhar com a década de 70.

O estudo não é sobre professores apenas, mas fundamentalmente, através das informações fornecidas pelos professores, sobre como se socializam profissionalmente os professores de história da década de 70 e os da atualidade. Não seria viável penetrar no sistema de valores de uma pessoa determinada, nem de um grupo social, o que é possível fazer é estudar um fragmento particular da realidade social, tentando compreender como o objeto social se comporta, suas lógicas de ação e

relações sociais. Nesse caso, o objeto se apresenta através das dinâmicas de socialização profissional de professores de história nos períodos destacados. Bertaux sugere, na análise de um objeto social numa perspectiva sociológica mais flexível, que se tente compreender crenças, representações, valores e projetos da vida social tendo, como pano de fundo, uma atenção especial às relações sociais estruturais. As histórias narradas pelos professores sobre seus processos de iniciação profissional soam como “narrativas de práticas em situação”, isto é, fragmentos dos contextos sociais através das práticas dos grupos selecionados. (Bertaux, 2003)

Bertaux também coloca questões para a seleção das amostras. Seguindo algumas de suas orientações, operamos com a construção progressiva da amostragem. Antes dessa decisão, já havia consultado a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, procurando saber se haveria a possibilidade de encontrar os professores que se adequassem aos nossos critérios por meio de relatórios e estatísticas dessa instância de poder. A idéia era encontrar estabelecimentos de Ensino Fundamental com significativa representação de professores das duas gerações escolhidas. A resposta da Secretaria foi a de que teríamos que solicitar a produção desse relatório, o que nos causou incerteza quanto ao tempo que levaria para ser concluído. Depois, consultamos um professor especialista com larga experiência em ensino de História e na formação de professores de História. Na conversa com esse professor, ele nos desencorajou a procurar nossos informantes pelas vias burocráticas, em arquivos de secretarias de universidades e secretarias de educação, pela dificuldade em obter indicações seguras – com endereços e telefones atualizados - e dentro do prazo estabelecido para a conclusão da pesquisa. Sugeriu a via dos contatos pessoais, a utilização de todos os meios informais possíveis. Foi o que fizemos.

A configuração do grupo de entrevistados não foi definida previamente. A rede de contatos foi se desdobrando por dentro, no trabalho de campo e pela rede pessoal de contatos. A empreitada de busca incessante estava iniciada, mobilizei-me em fazer perguntas constantes a colegas, amigos e familiares. Essa foi uma fase bastante

árdua do processo. O tema do dia-a-dia era a procura dos professores para a pesquisa. A cada encontro com um amigo, a pergunta se repetia: “Estou fazendo uma pesquisa com professores de história da década de 70 e com professores mais recentes. Você conhece alguém para me indicar?”. Para minha satisfação, muitos me auxiliaram na procura. Muitas vezes, ao fim de uma entrevista, o entrevistado me colocava em contato com outro colega e a amostra foi se configurando.

O número de depoimentos coletados também não foi definido totalmente a priori. Pensamos em um universo de trinta entrevistados, mas tudo dependeria da qualidade das informações colhidas, e do seu grau de recorrência e divergência. Duarte (2002), também enfrentou o problema e mostrou que a própria dinâmica do trabalho de campo sinaliza a consistência, densidade e a originalidade dos dados. A autora diz que “as recorrências atingem o que se convencionou chamar de ‘ponto de saturação’, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que pode (e deve) voltar para esclarecimentos”.

Pode parecer, à primeira vista, que a pesquisa se fez de forma quase espontânea, na base de conversas informais e escolhas aleatórias de entrevistados. No entanto, havia uma atenção em relação à validade dos discursos, ou melhor, houve uma preocupação em constituir a amostra segundo alguns critérios e com determinada variedade de posturas e interesses dentro do ensino de história. Bertaux (2003) aconselha reunir casos diferentes para efeito de comparação. Algumas diferenças podem estar presentes: papéis sociais, interesses, relações de oposição e de aliança dos atores/agentes. Relações diferenciadas com os contextos sociais e visões diferentes sobre a realidade também são aconselháveis. Para validar a pesquisa, é importante a **variedade dos testemunhos possíveis**, construindo progressivamente um corpo de hipóteses, sem intenção de verificá-las propriamente, mas de elaborá-las a partir de observações e reflexões fundadas nos dados produzidos.

Uma grande preocupação era não encontrar um grupo significativo de professores de história da década de 70. Decidimos começar por eles. Alguns colegas me indicaram seus professores, ou pessoas marcantes com quem fizeram estágio ou mesmo com quem trabalharam em alguma

escola. Ofereceram-me seus contatos e o processo de busca foi se transformando num cotidiano de telefonemas inúmeros e tentativas de agendamento das entrevistas. De todos os contatos realizados, apenas duas professoras não fizeram questão de colaborar, esquivando-se por variadas justificativas. Em geral, as pessoas contatadas sentiram-se satisfeitas em colaborar, algumas se demonstraram orgulhosas em estar sendo convidadas a contribuir para a pesquisa. Essa situação favoreceu a condução das entrevistas, pois os entrevistados se sentiram confortáveis para dar seus depoimentos, em entrevistas que chegaram a durar duas horas e meia.

Tínhamos como critério de seleção dos professores, o trabalho em escolas públicas, do Ensino Fundamental e a vivência da formação e da iniciação profissional nos períodos da década de 70 e no atual – do ano 2000 em diante. Durante a seleção das amostras, no momento dos contatos e de frente com as dificuldades inerentes ao processo, não pudemos recusar depoimentos de pessoas que não se encaixaram em todos os critérios. A dificuldade de encontrar pessoas que se formaram e trabalharam no ensino público foi maior entre a geração de 70, pois muitos tiveram como primeira experiência o trabalho em escolas particulares. É importante lembrar que o processo de massificação do ensino estava em pleno andamento nessa época e que o ensino de História também sofria com a fragmentação de seus objetivos propositadamente pela ação dos governos militares, através das recém-criadas disciplinas Moral e Cívica e OSPB. Percebemos que é comum, até entre a geração mais recente, os professores terem experiências em escolas particulares enquanto ainda estão na graduação ou mesmo como experiência inicial, vindo a integrar o ensino público algum tempo depois.

Entre a geração atual de professores, a preocupação de garantir a variedade de testemunhos sobre o tema foi maior, pois havia o risco de compor a amostra com entrevistados de um mesmo grupo de colegas, partilhando opiniões e experiências, o que seria prejudicial ao resultado da pesquisa. Portanto, busquei depoimentos de professores com interesses e posturas diferentes, até mesmo contraditórias, para efeito de comparação. Essa preocupação se fez necessária como estratégia para

mediar a intervenção da subjetividade no processo. É complexa a situação de identificação entre pesquisador e pesquisado e, nesse caso, o reconhecimento dessa condição permitiu a criação de estratégias para evitar resultados “naturalizados” ou apenas parciais num sentido estreito. Não descartamos os depoimentos de professores que iniciaram suas vidas profissionais em fins dos anos 90, por considerarmos também representativos da realidade atual.

Mas o fator subjetividade, por outro lado, contribuiu para os professores relatarem com tranquilidade suas experiências, pois havia uma relação entre “meu” campo de atuação e o dos entrevistados. Eu, professora de História e pertencente à geração recente, também me questionava enquanto entrevistava. Percebi essa situação numa entrevista em que o professor *Marco Aurélio* me perguntou: “Você também é professora de história?”. Depois da resposta afirmativa, ele lançou a questão: “Você já fez essa entrevista com você mesma?”. Naquele momento, percebi que eu também me interrogava, embora silenciosamente, a cada entrevista e que aquele fato, de certa maneira, criava uma ponte entre mim e o depoente, pois este sentia que poderia estar sendo compreendido, na medida em que a conversa se desenrolava entre professores de determinada especialidade disciplinar, com alguns conhecimentos, experiências e impasses comuns, pelo menos no estudo da história. Devo assumir que a subjetividade do processo de pesquisa se voltou ao meu favor, além de ter tornado a pesquisa muito viva e prazerosa. Vale destacar o dizer de Gilberto Velho que, apesar de se basear em um enfoque antropológico não utilizado nesta pesquisa, pode trazer um exemplo da medida da subjetividade em um processo de pesquisa:

“Lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e às minhas aflições e perplexidades. Eu, o pesquisador, ao realizar entrevistas e recolher histórias de vida, estou aumentando diretamente o meu conhecimento sobre minha sociedade e o meio social em que estou mais diretamente inserido,

ou seja, claramente envolvido em um processo de autoconhecimento”. (Velho, 1986, p.17)

A questão da ética se coloca nesse momento. Utilizo discursos de algumas pessoas próximas e traço paralelos e injunções dos quais elas não tem participação direta. Fabrico pontes entre depoimentos diferentes, faço cortes, privilegio trechos, ações que são de minha inteira responsabilidade enquanto pesquisadora. Por estas razões, utilizei cognomes ao invés de identificar os entrevistados, apesar dessa não ter sido uma solicitação geral dos professores, à exceção de um.

Tardif e Lessard (2003) chamam a atenção para o problema ético que se coloca quando se utilizam entrevistas nas pesquisas em educação: como não trair a fala dos professores? Como estar próximo e distante ao mesmo tempo? Em primeiro lugar, é necessário ter consciência que o esforço de análise do conteúdo da entrevistas é uma tentativa de articulação entre os objetivos da pesquisa e o texto dos professores, uma relação difícil e jamais neutra, que também deve ser objeto de estudo. Também a experiência dos pesquisadores mostra que os professores aceitam análises distanciadas e críticas, desde que estejam bem explicitadas, documentadas e ponderadas, e que não contribuam para alimentar estereótipos sobre o trabalho e a vida do professor.

Os autores destacam a importância da fala do professor sobre seu trabalho e sobre a educação em geral, como meio de se aproximar do “universo da consciência profissional” dos professores. Classificam as falas em três tipos de discursos: identitário (como o professor se caracteriza, preferências, valores e orientações), discurso com elementos contextuais (situação de trabalho, escola, alunos, etc) e discurso global (conotação política, crítica, reafirmação de seus valores). Estes elementos dos discursos permitem conhecer as manifestações e atualizações da consciência profissional dos professores.

2.2. As entrevistas

“O que vale são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em diversos trechos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros, acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de ouvir. Tem horas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe”.

(Guimarães Rosa, **Grande Sertão: veredas**)

A pesquisa é uma prática social. Distingue-se de outras relações sociais comuns pelo rigor de seu processo, nos aspectos propositivos, metodológicos e comunicativos (construção e operacionalização de categorias e conceitos).

No entanto, a pesquisa não deixa de ser, como diz Bourdieu (1998), “uma relação social que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos”. (p.694) Reconhecendo esta dimensão social da pesquisa, também não podemos ignorar que a investigação científica não se propõe a interferir de tal maneira sobre o objeto que produza distorções nos resultados. Analisando a questão das entrevistas, Bourdieu diz que estas distorções, de fato, ocorrem e devem ser reconhecidas e dominadas por uma prática refletida e metódica:

“Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num ‘trabalho’, num ‘olho sociológico’, permite perceber e controlar no *campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza.” (p.694)

Na tentativa de encaminhar uma comunicação não-violenta no processo de entrevista é que Bourdieu sugere procurar abarcar todas as dimensões da situação de entrevista, incluindo a identificação da compreensão do pesquisado sobre a pesquisa em relação com a finalidade que o pesquisador tem em mente para evitar distorções. Estando o pesquisador em posição superior hierarquicamente ao entrevistado – especialmente na hierarquia do capital cultural – é tarefa do pesquisador “instaurar uma relação de escuta ativa e metódica, tão

afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário”. (p. 695)

Assim, Bourdieu diz que se deve ter estratégias para compor a identidade do entrevistado, com atenção especial às categorias sociais utilizadas pelo entrevistado, para facilitar o acordo entre as partes e as formas de comunicação. É imperativo entender o entrevistado a partir das condições objetivas da realidade, ter atenção à singularidade do depoimento (ou seja, afastando a indiferença perante a ilusão do já visto) e planejar a entrevista. Ao estruturar estratégias para evitar distorções de testemunhos – seja o discurso extraordinário, seja o discurso ajustado, ambos se impondo sobre o pesquisador – Bourdieu destaca que a entrevista é um processo incessante de construção, baseada numa longa série de trocas. (pp.700-701)

Ao mesmo tempo em que Bourdieu discorre sobre os cuidados metodológicos concernentes à entrevista, também ousa dizer que:

“(…)sob risco de chocar tanto os metodólogos rigoristas quanto os hermeneutas inspirados, eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual* (...)” (p.704)

Neste trecho, o autor deixa transparecer a idéia de elaboração de uma situação de entrevista livre de constrangimentos de diversas ordens, o que não exclui um complexo trabalho de *construção realista*. Para ele, o imprevisto e a espontaneidade surgem da informação prévia, bastando o pesquisador

“abster-se de toda intervenção, de toda construção, para cair no erro: deixa-se então o campo livre às preconstituições ou ao efeito automático dos mecanismos sociais que estão atuantes até nas operações científicas mais elementares (concepção e formulação das perguntas, definição de categorias de codificação, etc.)” (p.707)

Esta forma de enraizamento da entrevista na empiria é bastante trabalhada por Zago e Duarte. Ambas autoras dizem que o recurso à

entrevista justifica-se pela problemática da pesquisa. Duarte diz que a entrevista é fundamental quando se quer mapear práticas, crenças, valores e sistemas sociais específicos, onde as tensões não estejam bem explicitadas. Se forem bem sucedidas, as entrevistas permitem um “mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade”, possibilitando uma compreensão das lógicas das relações sociais daquele grupo. (Duarte, 2002, p.02)

Zago (2003) também traz à tona a questão da complexa relação entre entrevistado e entrevistador, enfatizado a necessidade da atenção às categorias de discurso do entrevistado e da escuta atenta, sem estender a entrevista em todas as direções.

Apoiando-se em Kaufmann, Zago alinha-se a um modo de fazer pesquisa distante do modelo clássico – definição de problemática, instrumentos padronizados, ida a campo e comprovação de hipóteses – invertendo as fases da construção o objeto. Segundo o modelo da *entrevista compreensiva*, “o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre”. (Zago, p.296). A autora, então, sinaliza que a teoria e o método não podem ser camisas-de-força que dificultem o encontro de novos caminhos para a pesquisa.

Estas colocações não podem ser confundidas com espontaneísmo. Zago reitera que, ao contrário de deixar-se levar pela intuição e pelo impressionismo desmedido, a intenção seria a de “produzir um esforço contínuo, para poder construir uma objetivação, mas segundo modalidades diferentes daquelas dos métodos quantitativos”. (p.296)

Duarte e Zago listam uma série de procedimentos que ajudariam pesquisadores iniciantes a refletir sobre a condução de suas pesquisas. Sem intenção de elaborar uma receita, as autoras indicam, em seus textos, caminhos possíveis para o sucesso de uma entrevista.

Sinteticamente, são indicações de Zago: a conquista da confiança do entrevistado, a relação inseparável entre entrevista e observação, estudo das práticas para perceber coerência entre opiniões e práticas,

não colocar um número excessivo de questões para não correr o risco de obter respostas superficiais, conhecer bem o roteiro e reavaliar as primeiras entrevistas para afinar as questões propostas. Para Zago, há que se desmistificar modelos normativos e reforçar a concepção de entrevista como parte integrante da pesquisa e não como técnica.

Duarte tem uma postura mais incisiva sobre a necessidade de preparo teórico e técnico do pesquisador para que a entrevista forneça rico e denso material para análise. Para ela, uma boa entrevista exige: definição clara dos objetivos de pesquisa, o conhecimento denso e prévio do contexto, introjeção pelo pesquisador do roteiro da entrevista, segurança e autoconfiança e algum nível de informalidade. Inclui, ainda, o cuidado com a roupa – que deve ser neutra, sem mensagens que sugiram pontos de vista do pesquisador – e com a pontualidade.

Estrategicamente, as contribuições de todos os textos são relevantes para a construção da situação de entrevista. Dos pontos de vista do “exercício espiritual” de Bourdieu, do enraizamento empírico de Zago e das sugestões técnicas de Duarte pudemos identificar impasses fundamentais para o trabalho com entrevistas, direcionando nossa atenção aos múltiplos fatores que incidem sobre a situação de entrevista, na busca de uma objetividade que não exclua o dinamismo e as imprevisibilidades das relações sociais determinadas historicamente.

No momento do agendamento das entrevistas, eu perguntava ao entrevistado o local mais favorável a ele. Na maioria das vezes, as entrevistas se realizaram no local de trabalho ou nas residências dos professores. As entrevistas feitas em ambientes domésticos transcorreram com mais tranquilidade, com menos interrupções e preocupações relativas a tempo e privacidade. Dois entrevistados preferiram ir à minha casa, um deles era uma pessoa conhecida e a outra era um pessoa indicada por esse colega. As entrevistas realizadas em locais de trabalho tiveram como característica uma “respiração” diferenciada, ocorreram em meio às situações específicas do ambiente escolar: sinais de recreio e de saída, cumprimentos de colegas, solicitação do espaço onde estava acontecendo a entrevista, recados e pedidos de coordenadores e colegas, olhares curiosos... Para cada

situação de entrevista foi necessário um cuidado particular e o devido registro da relação entrevistador / entrevistado / ambiente.

É muito interessante e prazeroso escutar depoimentos de professores, o que torna a tarefa complexa é a criação de modos de trabalhar com os dados produzidos, as maneiras de extrair o essencial aos objetivos da pesquisa e aprofundar algumas declarações, sem truncá-las ou interferir negativamente na linha de pensamento do entrevistado. Assim, não tive preocupação com a extensão dos depoimentos. Foram 22 entrevistas que totalizaram mais de trinta horas de gravação. Foi fundamental que os professores tivessem liberdade de expressão, pois de temas variados tocados pelos entrevistados surgiram informações valiosas para a pesquisa. Depois de cada entrevista, foi produzida uma súmula, razoavelmente detalhada, dos assuntos comentados e das situações que interferiram no processo. Incorporamos, quando necessário, também as entonações, os silêncios e suas durações. Realizamos as gravações com um gravador digital, o que favoreceu a consulta às entrevistas no momento da análise e a localização dos trechos escolhidos para integrar o corpo da dissertação, na forma de transcrição. Sem lidar com fitas e com a possibilidade de encontrar rapidamente trechos necessários à análise e à redação, não transcrevemos os materiais na íntegra, apesar de termos as sínteses e os registros das situações de entrevista.

Foi realizado um levantamento de material empírico direcionado para os objetivos da pesquisa. A opção foi a utilização de relatos orais, embora isso não seja sinônimo de trabalho com histórias de vida. O trabalho com história oral pode abarcar diversas modalidades de entrevistas, segundo objetivos pretendidos, na tentativa de “captar” a experiência efetiva dos narradores. Mas é necessário fazer uma diferenciação entre história de vida e depoimento. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988) distingue as duas modalidades, mostrando que a diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador durante o diálogo com o informante. O recurso às histórias de vida engloba depoimentos pessoais, autobiografias e biografias, configurando-se no relato de um narrador sobre sua existência

através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que protagonizou. Esse caminho demanda longo tempo e exige o mínimo de intervenção do pesquisador.

“Embora o pesquisador subrepticamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível silencioso. Não que permaneça ausente do colóquio, porém suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é que dá o fio condutor”. (Queiroz, 1988, p.21)

Já no trabalho com depoimentos, segundo Queiroz, “o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; que pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista”. Trabalhamos segundo esta perspectiva, em função dos próprios objetivos da pesquisa. Muitos aspectos da profissão e da vida poderiam ser comentados pelos professores, porém preferimos nos ater ao que pudesse contribuir para a compreensão do problema da socialização profissional. Essa opção, portanto, não impediu que os professores tivessem liberdade para tecer comentários a respeito de experiências que julgassem relevantes registrar e essas falas também foram valorizadas na medida em que ofereciam elementos para a compreensão de sua identidade profissional.

Procuramos colocar acento nos contextos políticos e culturais e tentar compreender como os professores de história se comportam dentro de determinado campo de possibilidades.